

Gravação: arquitetos_ep4_metro_versao_bloco_unico

Duração do Áudio: 30 minutos

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hí-fen	Palavra dita de modo silábico

[01:00:54:00]Gustavo: Tem uma coisa da matéria que eu acho interessante, porque hoje em dia é cada vez mais comum ter serviços, tem uma quantidade de informações de, sei lá, de cultura, que é imaterial né, que enfim, você transmite pelo computador, é música, vídeo, muita coisa que não pressupõe mais muita matéria né. E aqui não, a gente desenha uma coisa num pedaço de papel, o processo disso é vim muita, muita, muita matéria física né, é meio arcaico na verdade né. Vem aço, pedra, água e se concentra num lugar. Eu acho isso louco assim, nos dias de hoje. Faz parte total do nosso trabalho.

[01:01:47:12]Martin: Uma das coisas que me realiza mesmo no trabalho é ver pronto. Então o processo da obra é engraçado porque é onde a gente tem mais contato com o projeto né. É um pouco sofrida a vinda a obra, mas tem muito mais prazer do que angústia na materialização, na visita e na obra.

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

[01:02:36:22]Guilherme: O Metro é um escritório de São Paulo que tem tido uma atuação bastante diversificada e consistente. Eles têm feito edifícios de grande porte, mas também se notabilizaram por projetos museu-gráficos na interface com a arte. E também é um escritório que tem feito obras fundamentais no campo do espaço público, o que não é tão comum no Brasil.

[01:03:08:06]Gustavo: Aqui é a entrada da galeria que a ideia a gente teve era de fazer uma extensão do espaço expositivo. Então era pra marcar mesmo o espaço de entrada, tem toda essa extensão, tem um banco ao longo dessas árvores aqui. E acho que a ideia é realmente integrar dentro e fora e ter cada vez menos essa distinção do que é dentro e fora, do que é público e privado. Ela tem uma proporção de... Não muitas vezes de galeria, mas de museu. Tem um recorte de alguns planos expositivos que são propositais, então eles não chegam até o fundo. Tem uma parede que tá solta, essa outra parede também e depois uma parede em L que muitas vezes é propício pra um tipo de exposição. O teto ele tem essa chapa perfurada que você consegue ver essa treliça e a cobertura que é um sistema bem industrial e convencional, mas que é interessante. E cê também consegue ler um pouco do, de como é a estrutura de pilar e vigas tá exposto. E aqui é um pátio de carga e descarga. Então tem essa... Esse uso né pra uma galeria que caminhão vem, carrega e descarrega obras, e ao mesmo tempo, a gente desenhou isso de uma forma que nas aberturas, as vernissages, pudesse ser usado como uma área convívio pras pessoas, baseada nessa ideia de que a arte também, de alguma maneira, tem contribuído pra essa ocupação dos espaços externos, aqui a gente imaginou projetar espaços pra eles fazerem o que eles bem entendessem. E a ideia são as obras se destacarem e não forma ou a arquitetura, ao mesmo tempo que você tem que resolver todo um conjunto de questões pra conceber esse espaço expositivo, você tem que deixar a obra prevalecer. Eu desenho muito no papel, Martin também desenha muito no papel, mas também a gente fala muito, muitas vezes a gente pensa numa coisa e conversa e aí um começa a desenhar aquilo e o outro olha... E a gente começa a testar também.

[01:05:54:03]Martin: O método de projetar ele é sempre experimental assim, a gente nunca focou num determinado tipo de trabalho, nunca teve uma coisa muito focada, a gente... Por isso mesmo a nossa produção é bem ampla.

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

[01:06:05:13]Gustavo: A gente não faz assim projetos que são muito... Que são impossíveis, que são uma loucura do ponto de vista estrutural ou de resolução infra estrutural. Os projetos têm um certo pé no chão em relação a isso.

[01:06:18:09]Martin: Uhum. As demandas são muito diferentes né, tem coisas que são mais objetivas, mais claras, outras um pouco difusas... Acho que é óbvio, que a gente chegue e interpreta pra tentar montar essa equação toda e também pra colocar algumas intenções nossas que são fora talvez da demanda inicial né. Então muitas vezes a gente vê oportunidades, possibilidades de fazer propostas que, sei lá, o cara não pensou, não imaginou que seria interessante e emplacar isso né.

[01:06:46:11]Gustavo: Muitas vezes não né, sempre...

[01:06:48:13]Martin: Quase todas né. Isso é bom pra todo mundo, na verdade, não tem nenhum truque aí, é simplesmente ampliar...

[01:06:54:15]Gustavo: Mas isso gera, sem dúvida nenhuma, um certo conflito. Às vezes o cara fala "não, quero isso, isso e isso", a gente fala "não, você quer isso, mas precisa disso também", ou às vezes alguma ideia que ele nunca teve, tal. Mas isso sem dúvida nenhuma é fonte de conflito, conflito não é ruim né, necessariamente, é um conflito, você tá estabelecendo uma relação.

[01:07:14:23]Martin: É muita política nossa profissão, em vários sentidos né. A ideia de conflito e consenso é permanente assim, e é uma profissão que precisa gerar consenso né, a gente precisa pra conseguir realizar, você precisa produzir consenso. Todas as partes envolvidas têm que tá de acordo com aquilo que tá proposto né. Tem uma, uma certa esquizofrenia na nossa profissão que é assim, a gente tem um poder grande de realizar uma coisa que custa muita grana, que envolve muito esforço e às vezes tem uma certa dose de desejo de constituir uma obra nossa, enfim, e ao mesmo tempo a gente é totalmente dependente de recursos que não são nossos. Então, você fica entre o poder total, absoluto de pensar o que você quiser e ter que fazer aquilo acontecer né.

[01:08:30:25]Luís: A gente encontrou numa festa, eu falei "cara, acabei de compra uma casa, vamo lá olha comigo, eu tô mostrando pra umas pessoas, vendo quem tem uma ideia, sei lá, tô buscando uma ideia".

[01:08:39:16]Martin: É, o Gustavo chegou com as fotos lá no escritório, tipo "ah então, eu fui ver a casa lá do Luís e tal... Cara, acho que vou falar pra demolir, cara".

(Risos)

[01:08:47:00]Carla: Foi assim?

[01:08:48:16]Martin: "Que cê acha?". É...

[01:08:50:24]Carla: A gente queria muito abrir... Era uma casinha né, [inint]
[01:08:52:27] do tamanho dessa, que a gente queria abrir toda né.

[01:08:56:25]Gustavo: É, era exatamente, uma casa toda compartimentada e que não tinha nenhuma estrutura, não tinha pilar, viga... E aí cês queriam, enfim, ambientes grandes, integrados com o espaço exterior. A gente sentou lá no escritório, começou a discutir, falou "não, vai dar muito trabalho pra... Não vai dar certo". Melhor era gastar pouco dinheiro e pintar aquela casa e conviver com ela ou... Ou fazer um projeto novo. E um dos maiores privilégios dessa casa é o tamanho mesmo né, em relação ao terreno. Porque o que se faz usualmente é ocupar o terreno inteiro, pensando em, sei lá, que um dia vai vender e aquilo, enfim, cê precisa aproveitar o máximo o terreno em São Paulo, uma ideia meio louca assim né, meio distorcida pensando na casa como uma coisa meio... É uma mercadoria sempre né. Ele tá numa cota alta né, então tem uma vista incrível aqui em cima. Então a gente queria também de algum modo ter uma relação grande com o jardim, mas também ter um nível acima que você conseguisse ter, tem as copas das árvores, esse é um bairro bem verde, alto... Acho que tem um pouco disso né.

[01:09:59:14]Luís: Tem. E pra gente a sensação aqui é de morar numa casa de praia, sabe? A gente senta na sala, tem uma amplitude de visual da copa das árvores, o céu...

[01:10:07:23]Martin: É raro em São Paulo isso...

[01:10:09:09]Luís: É. As árvores, elas filtram a luz, a luz da tarde, entra, pinta as paredes da casa. A casa não tem cortina, isso é uma coisa que eu pedi pro Gustavo também, "quero uma casa sem cortina".

[01:10:18:09]Carla: Isso pra mim é o mais importante, eu não precisar sair da minha casa pra tá, ter um dia muito gostoso assim. E as pessoas chegam aqui e falam assim "nossa, mas jura que essa casa é deste tamanho", todo mundo acha que a casa é maior.

[01:10:39:19]Gustavo: A gente tá sempre interpretando o que eles querem pra uma, pra um... Enfim, pra um desejo nosso também né. Então é interpretação do desejo deles, mas é uma coisa que a gente tem que gostar né, senão a gente... Enfim, não entra no projeto com... Com o tesão que precisa pro projeto ficar bom né.

[01:11:19:06]Martin: É um bloco suspenso que gera esse grande espaço público que é uma conexão total com a cidade, cobre uma área, cria um espaço que não tem uma função definida, que as pessoas podem ocupar. E isso tem muito a ver com a arte e com a forma democrática que a coleção é mostrada também. Acho que a arquitetura, nesse caso, ela reforça uma ideia de liberdade que tá na instituição como um todo, tava na origem, acho que é uma coisa que a gente quer manter e aumentar né, quanto mais transparência, mais acessível, mais democrático for o museu, melhor ele vai ser né. O prédio é um projeto muito... É fundamental pra histórica da arquitetura de São Paulo né, e o modo de mostrar as obras tem uma conexão muito forte com a arquitetura do prédio. Foi inventado pela Lina, nunca ninguém tinha feito uma coisa tão radical né, foi feito em sessenta e oito pra inauguração desse prédio. São lâminas de vidro temperado e as obras são fixadas nesse vidro, e pra isso ficar estável tem uma peça, uma base de concreto que é uma espécie de lastro né. E o resultado disso posto no espaço e todas as peças que tão, que tão ao mesmo tempo visíveis é que é o grande, a grande inovação, a coisa radical de você conseguir ver quase que a coleção inteira ao mesmo tempo. Teve um processo complexo nos últimos vinte anos, onde os cavaletes foram retirados e foi substituída por uma forma de expor bem mais tradicional, e enfim, a ideia era recuperar um pouco o radicalismo disso e dali pra frente agora, pensar como é que o museu vai se, vai continuar vivo né. Que a ideia principal é a transparência, eu acho, e é o que conecta o modo de expor ao edifício, que é

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

super transparente. Agora, pra isso acontecer hoje, teve que fazer alguns ajustes técnicos, segurança, foram os argumentos que usaram pra tirar nos anos noventa e noventa e seis. Então a gente fez algumas... Algumas mudanças né, ali.

[01:13:40:19]Helena: A grosso modo, o que a gente fez foi melhorar um pouco a resistência do concreto, fazendo uma armação interna que não tinha no original. O vidro, a geometria dele, a gente seguiu os tamanhos originais e acho que a grande inovação que a gente fez foi o sistema modo de fixar as obras, que antes era muito, ãhn, muito rudimentar. Era feito diretamente nas molduras e cada, cada obra tinha um vidro que tinha uma furação específica pra ela, então era uma loucura aqui cada, cada vez que você tinha que mudar um quadro, enfim, cada... Tinha uma coleção de vidros, cada um muito específico. Então a gente criou um sistema que permitiu uma padronização muito maior de peças e uma resistência, uma segurança pras obras que foi uma das grandes atualizações que a gente fez.

[01:14:30:05]Martin: E aqui a gente acabou inventando sistemas e também ajudar a montar uma forma de trabalho, como é que as equipes se relacionam pra produzir uma exposição. Faz parte do nosso trabalho também, inventar como é que as coisas vão acontecer ao longo do tempo, não só materialmente, mas processos mesmo.

[01:15:03:21]Gustavo: Ó a área que a gente fica é aqui. Essa é a área [inint] [01:15:10:07] a vida inteira na praia (risos). Eu venho pra cá desde que eu sou muito moleque assim, a gente passava as férias de família aqui, que é uma praia que pouca gente vem, porque é uma praia de tombo, que dá onda... Então, é uma praia super gostosa pra surfar. Eu comecei a surfar quando eu tinha uns quatorze anos, dá medo, mas acho bonito ver as ondas grandes lá fora, é tenso, mas é muito bom, quando o mar tá grandão. A gente passou agora quatro dias de mar muito grande e agora baixou o mar. É um prazer muito momentâneo né, é muito rápido. Às vezes eu acho que é muito distante de tudo que eu vivo lá em São Paulo né, que meu prazer lá é demorado, é devagar, é um puta processo, projeto demora... É um prazer meio disperso né, e surfar não, é um prazer de cinco segundos, é muito uma coisa de momento e na arquitetura não tem isso né, momento. Uma coisa que você vai fazendo gradativamente e nunca tem esse momento né, dum

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

período curto cê ter uma explosão pra qualquer coisa que seja. E surfar tem, surfar tem uma hora que cê tem que vê a onda, cê tem que tá no lugar certo, cê tem que remar, e se der tudo certo, vai te dá um puta prazer naquele momento, e aí vai ficar na tua cabeça um tempão... Eu acho que é um dos poucos talvez momentos que eu tenha que eu consigo parar de pensar, mas eu não conseguiria projetar aqui de jeito nenhum. Assim, morar um pouco aqui, depois ir pra São Paulo... Acho que aí talvez a inspiração seja o centro urbano mesmo, São Paulo talvez seja uma baita inspiração, não sei, pode ser, nunca tinha pensado nisso, mas pode ser. Vai ver que eu funciono com todo aquele caos ali, sabe?

[01:17:32:00]Martin: Morei aqui quase que a vida toda, aqui em Higienópolis, cresci aqui, enfim e sempre andei por aqui a pé ou de bicicleta, enfim. Em São Paulo nem todo lugar dá pra andar a pé com frequência, esse é um bairro que tem muito comércio na rua, tem praças também é um bairro bem equipado assim, é um bairro legal. Os edifícios todos dessa região foram projetados pra serem muito mais abertos, ao longo do tempo foram se gradeando, então você ainda vê esse tipo de barreira, uma série de grades... A rua ainda não é o ideal, talvez já tenha sido mais usada do que hoje e eu acho que pode voltar a ser. Na verdade a gente tem visto que cada vez mais as pessoas usam a rua, andam de bicicleta, que isso eu acho que é uma gradual volta a usar a rua, e acho que é uma coisa que a gente sempre procura nos projetos, sem dúvida, mesmo num edifício privado ou uma casa, que tem essa condição né, que a rua participe da arquitetura. A percepção da cidade de carro é muito diferente da percepção da cidade a pé né, tem um tempo diferente, cê demora mais, consegue olhar melhor. No nosso caso, na nossa profissão isso alimenta tudo, mas eu acho também que a gente pode trabalhar aqui por uma razão pessoal, mas o nosso trabalho não é um trabalho que só funciona aqui. Eu acho que a gente teve experiência de trabalhar fora de São Paulo também, e eu acho que tem, tem interesse, tem sua graça assim, eu acho que não é um trabalho tão local assim, sabe, que a gente faz.

[01:19:16:10]Gustavo: Tinha uma área do lado do cinema que tava... Um estacionamento, basicamente, super deteriorada, uma área no centro de Salvador, tem um entorno assim, uma edificação no entorno, uma paisagem principalmente muito importante assim, tem mirante, tem a Praça Castro Alves, tem igreja... Enfim, é uma área bem crítica do centro, não só do ponto de vista das edificações da história, mas de fluxo de pessoas, de enfim,

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

de um certo trânsito ali que é complexo. Era uma área totalmente sem desnível, então o carro ia pra qualquer lugar. Então a primeira ideia foi bloquear o carro desse entorno todo, e depois a gente foi acomodando esse desnível com os desenhos de uma certa escadaria. E aí a gente queria criar dois tipos de circuitos, um, das pessoas que tavam com pressa, então a gente fez uma escadaria contínua, bem confortável, mas contínua. E depois a gente queria criar um fluxo das pessoas que queriam visitar esse comércio de rua, que é super famoso. Então era uma espécie de uns largos né, a gente fazia umas pequenas praças em frente desse comércio. E aí a gente foi interligando essa escada nessa, e virou um desenho que tem uma questão realmente funcional né. São platôs, escadinhas que se desdobram numa escada contínua. O espaço criou um desenho, organizou os fluxos, então ele funciona hoje em dia, ele organizou esse monte de condicionantes que tinha nesse lugar. Esse espaço é uma quadra e meia do escritório e é onde a gente faz as maquetes, é uma oficina de maquetes. O fato de ser fora do escritório é natural, porque tem máquinas, barulho, poeira e tal. É um lugar de rua que a gente divide com vários outros escritórios daqui da região. Essa rua, a General Jardim é onde é o nosso escritório tem, sei lá, pelo menos uns vinte outros escritórios de arquitetura, design... Às vezes a gente faz parceria em projeto, às vezes a gente faz parceria na infra pra poder, enfim, somando um pouco os esforços, conseguir ter equipamentos que a gente, não valeria a pena ter um escritório só, que não usaria tanto né. A tradição dos escritórios que eu conhecia costumava fazer maquete pra apresentar o projeto pro cliente né, mas a gente tem usado como parte do processo mesmo. Então é bom ter as ferramentas pra poder fazer rápido algumas maquetes de estudo, e têm vários tipos de maquete né. Tem umas que são mais abstratas, só um volume mesmo; outra só estrutura; e tem outras que são mais fieis, tem pessoas... Às vezes vira uns objetos bem bonitos em si, independente do projeto, sabe? Tem um quê de brincadeira também né, de modelismo, é divertido, tem uma diversão envolvida assim.

[01:22:45:02]Gustavo: A gente atua em dois lugares que tavam muito abandonados né, que são lugares muito importantes assim da cidade. Aqui a gente tá no Lar do São Francisco, tem a faculdade aqui do lado, tem alguns prédios bem importantes aqui, da prefeitura também. E aqui esse espaço era um respiro do, é um respiro do metrô que tava cercado antigamente. Então a ideia dessa ocupação também era fazer com que as pessoas

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

começassem a usar esse lugar e trazer uma certa segurança e ativar mesmo esse espaço como um uso de espaço coletivo.

[01:23:18:08]Martin: O projeto é uma experiência de reocupação dos espaços públicos.

[01:23:24:15]Gustavo: Acho que a gente quis experimentar ao máximo. Então usar madeira, usar pedra...

[01:23:31:15]Martin: A gente fez pouco, na real, a gente tirou muita coisa que tava atrapalhando o uso, mais do que construiu coisas novas. Acho que a quantidade de material que a gente tirou, provavelmente é maior do que a quantidade de material que a gente pôs aqui, sabe? Porque tinha uma vegetação que era excessiva, que tava mal cuidada... Tinha grades em volta desses respiros do metrô que criavam uma barreira enorme assim, a praça tava totalmente ocupada. Antes era um grande espaço fechado com duas passagens, agora a gente criou uma esplanada onde as pessoas podem ficar. Basicamente é essa a ideia.

[01:24:03:04]Gustavo: É uma maneira totalmente diferente de enxergar a cidade né, o que que, o que que ela de fato deve servir as pessoas, independentemente se isso vai trazer alguns problemas, mas são problemas dessa cidade, da nossa história e que é muito mais interessante que esses problemas existam em conjunto do que a gente simplesmente fatiar a cidade inteira e impedir que as pessoas convivam no espaço público né.

[01:24:33:13]Martin: Que espaço urbano, espaço público é espaço de conflito mesmo, não adianta tirar o conflito, tem que deixar que ele aconteça e lidar com ele né. O fato do espaço permitir o uso, vai permitir o conflito, mas tudo bem.

[01:24:48:11]Gustavo: O fato de ter um banco, de ter uma mesa, de ter wifi, você vem na hora do almoço, tem muita gente que compra alguma coisa e vem almoçar, e fica aqui, tem muita gente que tira um cochilo a tarde... Então, não sei, cê vê algumas cenas aqui que são bem pouco próprias de São Paulo né. Que a gente tá... Desacostumou...

[01:25:08:20]Martin: E as pessoas acabam... A gente programou algumas coisas, a gente inventou, deu espaço, mas também coisas que surgiram espontaneamente né, essa

mesinha de ping-pong, por exemplo que tá ali, apareceu né, um dia o cara veio e trouxe e ficou, e...

[01:25:21:06]Gustavo: A forma como vai ser usada é meio imprevisível, mas acho que viver em comunidade é isso também né, você criar condições pra que... Pra que uma série de coisas imprevisíveis possam acontecer, que talvez seja uma das grandes coisas da vida, enfim... Aqui a gente tem um uso em volta do Paissandú muito diverso. Tem hotel, tem a Galeria do Rock, tem muita residência, tem comércio também... E tem uma situação muito mais difícil, complexa do ponto de vista social até. A mesma estrutura que a gente colocou lá do ponto de vista do material né, das ideias que a gente pensou, aqui pelo visto funcionou menos assim, dá pra ver que tá tudo muito mais deteriorado, e fazia tempo que eu não passava aqui também assim pra ver como é que tava, de fato a gente tá vendo que muita coisa deu errado. Agora, isso também é uma, faz parte do processo todo que era esse projeto, a gente sabia que era um teste, talvez ainda... Ainda esse centro aqui não teja preparado pra esse tipo de ocupação do espaço público, nem tipo de convivência, porque o que a gente vê aqui mesmo é vandalismo né. Não me desanima, na verdade não. Nunca, nunca é bom né, cê vê uma coisa que cê projetou e que cê imaginou, uma série de coisas relativamente otimistas né, idealizou e tal. Mas eu acho que isso é um processo, a gente tem tido uma espécie de retomada desse espaço que era inexistente né, era nulo, tanto do ponto de vista de discussão quanto de projeto, quanto de, enfim, falar sobre o que que é o espaço público da cidade. Eu acho que o fracasso é simplesmente gradear e negligenciar que existe essa questão, esse é o fracasso maior.

[01:27:43:28]Martin: É, eu acho que tem uma dimensão sim de satisfação pessoal, portanto, assim você vê uma coisa que você concebeu e passar por um processo tão complexo como é, desenvolver tecnicamente envolve uma série de profissionais, depois envolve muita grana, depois envolve muita gente na obra, envolve trabalho né, muito trabalho mesmo no sentido material. Quer dizer isso, de certa maneira tá ligada a uma realização que tem uma dimensão pessoal né, tem uma coisa assim de você tá na origem desse grande processo, isso evidentemente tem essa dimensão. Mas por outro lado a gente tem sempre a desculpa, digamos assim, de que todo esse esforço na verdade ele é uma coisa que depois fica por muito tempo e muita gente vai usar né. Então esse esforço todo,

Rua Álvares de Azevedo, 94/ 406 - Icaraí, Niterói/RJ
CNPJ: 23.923.180/0001-89

na verdade, o fim disso tudo, é que isso funcione bem, que seja legal, que seja bonito eventualmente, tem o êxito de um projeto de uma boa arquitetura, de uma boa cidade, o limite nunca é individual, é sempre coletivo né. E isso no fim é o grande alibi que os arquitetos têm pra contrapor a uma satisfação que é necessariamente pessoal, individual.

Fim da Gravação 01:29:32:00